



Itapeva é uma história: uma experiência na 1ª pessoa.

Autora - Profª Zuleide Pereira da Silva Leite

Este artigo é um relato da minha experiência sobre apresentar a história de Itapeva aos alunos da Educação Infantil do Colégio Metodista em Itapeva – SP, com o objetivo de ressaltar a importância do registro do fazer pedagógico e suas fontes de referências. Pretende motivar os alunos do curso de Pedagogia, para que, a cada dia amplie seu conhecimento, se torne um sujeito reflexivo e desenvolva o seu processo de crescimento enquanto educador. Tem como palavras-chave: Leitura, ação, reflexão, comprometimento, história, educação infantil, comunicação, representação, criar, registrar.

No ano de 2007, às vésperas de encerrar minhas atividades como professora do ensino superior, tive o surpreendente convite da professora Izabely Diniz, mais conhecida como Belinha, da Educação Infantil do Colégio Metodista, para contar a história de Itapeva, no seu 238º ano de aniversário, a seus 24 alunos com idades de 4 a 5 anos.

Tentei lembrar dos ensinamentos de didática da professora Vera, das etapas do desenvolvimento da criança na visão de Piaget e das aulas do professor Nim, no antigo Curso de Formação de professores Primários do Instituto de Educação “José Alves Mira”, em Dois Córregos. Lembrei-me também de um curso que participei que foi organizado pela CENP, chamado Projeto 024 de Língua Portuguesa para 1ª série, na DRESO, de 14 a 18 de abril de 1980. O curso exigiu estudo sobre a Teoria Cognitiva de Piaget que propõe a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano: sensório-motor, Pré-operacional (Pré-Operatório), Operatório concreto e Operatório formal.

Que fazer numa situação dessas? De certo, haviam esquecido de me dizer e se disseram ao longo do tempo ficaram soterradas sob grossas camadas de teoria crítica e teoria das representações sociais, que vieram posteriormente, como suporte teórico à minha atividade de professora de Geografia.

Atualmente, como monitora do curso de Pedagogia e coordenadora do Polo de Apoio Presencial de Educação a Distância, da Metodista, em Itapeva, tive acesso aos guias de estudo dos alunos sendo que o tema escrito pela professora Marta Regina Paulo da Silva “Estágio e formação docente: da burocracia à construção da práxis educativa” chamou-me a atenção. O tema é dirigido aos estagiários, no entanto, a parte que se refere ao registro, pode ser aplicada ao professor que registra suas experiências. Segundo a mesma, não é possível um olhar investigativo sem registro, pois registrar é organizar o pensamento na busca da compreensão da realidade.

Nem toda história está pronta para ser contada

A solicitação de Belinha me levou a obter informações sobre a história de Itapeva, em impressos especiais comemorativos de aniversário do município e na obra “Itapeva para crianças” da professora Leonor Ribeiro de Oliveira, cuja 1ª edição foi publicada em 1989.

Sobre a obra, diz o professor Euflávio Barbosa: “Trata-se de uma fantástica viagem ao nosso passado de matas, campos e índios guainãs. D. Maria I, rainha de Portugal, manda fundar várias vilas, entre elas, a Vila de Faxina, lá na sesmaria do sorocabano Tomé de Almeida Pais. Depois de uma longa história, a Vila foi transferida, denominada Itapeva e mais tarde, Itapeva da Faxina”.

Ainda, sobre estudar a história de Itapeva, fui à busca da transcrição das atas compiladas pelo professor Euflávio Barbosa, onde o Código de Postura, datado de 1847 determina que cada morador da área rural entregue à câmara 25 bicos de pássaros conhecidos por “bicões”, como bicos de araras, maritacas, maracanãs, tiribas, araguaris e periquitos, pois os mesmos causavam grande estrago nos milharais.

A esta altura, percebo que a arquitetura da história pretendida para os alunos de Belinha, não pode deixar de lado algo de fantástico que encontro em uma lenda bastante conhecida em Itapeva. Segundo essa lenda, uma serpente habita o subsolo da cidade, sendo que a cabeça se encontra na Catedral de Sant’Ana e seu rabo, na represa do Pilão D’água. Segundo contam, sempre que a serpente se movimenta abre crateras no centro da cidade e rachadura nos edifícios do entorno.

Citando o professor Euflávio Barbosa, à página 9, do livro “Itapeva para crianças”, o mesmo é enfático ao afirmar: *“é comovente saber que já contamos com um livro da história de Itapeva, escrito especialmente para gente jovem. O amor à nossa história é a maior prova de patriotismo que o ser humano, na sua expressão individual, pode dar aos seus contemporâneos e a maior prova de carinho à nossa gente do passado, ainda mais ilustrado didaticamente pelo talentoso ilustrador, Eduardo Silveira Gomes”*.

À medida que avanço nas pesquisas sobre as personagens da trama, procuro a melhor forma de contar a história de Itapeva aos pequenos de Belinha. Retomei leituras de obras como: “A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil” das organizadoras Eurilda Dias Roman e Vivian Edite Steyer, “O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget de Amália Rodrigues de Faria, “Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget” uma tradução de Eméria Rovai do autor Barry j. Wadsworth, “Contar histórias - uma arte sem idade de Betty Coelho e “Semiótica e literatura” de Décio Pignatari, este, nada a ver. Ah! Ia-me esquecendo “Itapeva para crianças” de Leonor Ribeiro de Oliveira.

Mesmo tendo como referencial a obra da professora Leonor, uma história para crianças, de 4 e 5 anos, difere da narrativa comum às crianças em geral, por subordinar-se a um princípio de seleção e organização, que imprime graça à forma, obtendo o máximo de efeito estético com o mínimo de elementos. No caso específico, há que se demonstrar riqueza de imaginação para ligar fatos antigos com significância atual.

Observando os alunos de Belinha caminhando em fila indiana, cantado e gesticulando em coro, no corredor do colégio, conclui que, embora quase da mesma faixa etária eram diferentes dos meus alunos dos anos 80.

Lembrando a crônica “A ética angelical” de Rubem Alves disponível em <http://aprendiz.uol.com.br/content/puchovibro.mmp>, desde 31 de maio de 2007, como gostaria de uma revelação sobre como contar a história de Itapeva para os alunos, pois, segundo o autor da crônica, a revelação desce de cima, é divina e completa e a experiência é o oposto da revelação. O dia de contar a história chegando e a revelação não acontecendo, inicio a construção da arquitetura narrativa, não textual, mas apenas com os elementos essenciais da história. Assim vieram os índios, os pássaros bicões, os homens brancos, a casa de barro e palha, o dia e a noite, gente importante, o sertão do Guarizinho, Antonio Furquim Pedroso, a Vila de Faxina, mulheres brancas e índias, os amigos de Furquim Pedroso, as pessoas do local, os tropeiros vindos do Sul, a estrada para Sorocaba, a serpente, o córrego do Lageadinho e finalmente Itapeva.

O resultado foi o seguinte: Itapeva é uma história.....

Havia um lugar mais alto que os arredores onde moravam os índios, nesse lugar, bem no alto de uma árvore, também moravam os pássaros bicões.

Chegaram os homens brancos e fizeram suas casas de barro e palha bem perto das casas dos índios.

O tempo foi passando, um dia, uma noite, um dia, uma noite, um dia, uma noite, um dia, uma noite.....

Um pássaro bicão que morava no alto da árvore era o primeiro que avistava quem ao longe vinha chegando.

Um dia o pássaro anunciou:

- Vem chegando gente, vem chegando gente e é gente importante!

Imediatamente, os índios fugiram para o sertão do Guarizinho e os homens brancos foram saber quem estava chegando.

- Quem é você? Perguntou um morador

- Eu sou Antonio Furquim Pedroso e hoje, 20 de setembro venho oficializar a existência de Vila de Faxina.

Naquele dia, para comemorar, as mulheres brancas e índias mataram e cozinham muitas galinhas para Furquim Pedroso, seus amigos e as pessoas do local.

Quando à noite, os índios voltaram do Guarizinho, foram dormir em suas casas de barro e palha.

A vila que já tinha umas vinte casas de homens brancos e índios ficava à beira do caminho usado pelos tropeiros que vindos do sul, iam para Sorocaba.

Na Vila de Faxina, chegou um momento que índios e brancos não se entendiam.

O pássaro bicão foi pedir ajuda para sua amiga serpente que morava perto do córrego do Lageadinho e assim falou:

- Dona Serpente, lá em cima, os brancos não estão se entendendo com os índios, eles brigam todos os dias, teria como ajudá-los?

- Sim, amigo Bicão, permito que a Vila de Faxina se estabeleça aqui, perto do Lagadinho e bem longe da casa dos índios. Se me permite, amigo Bicão, gostaria de continuar morando no subsolo.

Para quem não sabe, o subsolo fica embaixo do lugar onde a gente pisa.

Assim, a Vila de Faxina foi-se transformando em cidade e passou a chamar-se Itapeva. Segundo a lenda, a serpente continua morando embaixo da cidade, no subsolo.

- Já ouviram falar que de vez em quando abrem uns buracos próximos à prefeitura?

- É a serpente que se meche, disse com a maior naturalidade um dos alunos de Belinha.

Assim, Itapeva é uma história que de tanto tempo, tem muitas histórias.

A história não acaba quando chega ao fim

No dia combinado, Belinha organiza os alunos que permanecem sentados no carpete da sala de aula. Apresenta-me aos alunos que logo vão perguntando: - Onde está a serpente? Percebo então, o que contar, tem em vista a quem contar!

A sonoplastia consiste na execução do CD “Canto dos pássaros”, do álbum Melodia da Natureza e tem como objetivo dirigir os olhares e a atenção das crianças para o cenário.

O cenário é feito com os seguintes materiais reutilizados: duas telas de tecido usadas para pintura a óleo, jornal para modelagem do relevo, papel colorido, figuras recortadas de sol, lua, humanos, animais e acopladas a um palito para manipulação, imã para movimentar a base dos pássaros bicões e uma fenda no tecido por onde a serpente aparece e desaparece.

Sentada e atrás do cenário, conto a história que escrevi, manipulo as personagens e mantenho uma cola para não esquecer nenhum detalhe. No final, a conversa demonstra que as crianças captam integralmente o enredo. Nem bem

termino a história, as crianças pedem em coro: -Conta a história do trem, professora! A história do trem, a história do trem!

Considerações finais

O relato desta experiência confirma que o professor, enquanto sujeito social está longe de ser um profissional acabado. Segundo o Caderno do curso de Graduação a Distância - Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Metodista “Pedagogia – Pensamento Pedagógico Brasileiro e o Sujeito Coletivo”, organizado pela Prof^a Dr^a Norinês Panicacci Bahia, há que se reconhecer a necessidade de condições mínimas para que o professor possa aliar a investigação e a reflexão ao seu trabalho docente e isso só pode acontecer sobre uma base de registros. Também é importante o processo reflexivo da própria trajetória formativa, a rememoração das próprias histórias de vida, a construção de biografias educativas, que tratam da lembrança de experiências formativas, evidenciando o desenvolvimento individual e coletivo dos alunos em contextos e épocas diferentes como forma de superar a dicotomia teoria/prática.

Assim, estou me preparando para contar a história da chegada do primeiro trem em Itapeva e desta vez quero contar com as alunas do curso de Pedagogia da EAD.

Bibliografia

FARIA, Amália Rodrigues de. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. São Paulo: Ática, 1989.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COELHO, Brtty. **Contar histórias – uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1990.

WADSWORTH, Barry j. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Editora Guazzelli, 2000.

ROMAN, Erilda Dias; STEYER, Vivian Edite. **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: Um retrato multifacetado.** Canoas RS: Editora Ulbra, 2001.

OLIVEIRA, Leonor Ribeiro. **Itapeva para crianças.** Itapeva SP: Editora FS, 1989 – 1ª Edição.

BAHIA, Norinês Panicacci (org). **Pedagogia – Pensamento Pedagógico Brasileiro e o Sujeito Coletivo.** (Cadernos Didáticos Metodista – Campus EAD) - Universidade Metodista de São Paulo. 2009.

Pedagogia – Conhecimento, Tecnologia e Cidadania. (Cadernos Didáticos Metodista – Campus EAD) - Universidade Metodista de São Paulo. 2008.

Artigo elaborado para certificação do Curso de Capacitação de Coordenador EAD promovido pela Universidade Metodista / EAD – Polo Itapeva em 2007